



ELEIÇÕES

Congresso reafirma a segurança das urnas

Em reação às novas investidas de Bolsonaro contra o sistema eleitoral, presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco, e da Câmara, Arthur Lira, defendem a lisura do processo. Deputado Israel Batista apresenta notícia-crime no STF contra o chefe do Executivo

» CRISTIANE NOBERTO
» TAÍSA MEDEIROS

Evaristo Sa/AFP



Bolsonaro com Lira e Pacheco: chefe do Executivo sugeriu que Forças Armadas fizessem apuração paralela dos votos

Os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), reagiram aos novos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) à lisura das eleições.

Um dos caciques do Centrão — grupo de sustentação do governo —, Lira usou as redes sociais para defender a confiabilidade do sistema. “O processo eleitoral brasileiro é uma referência. Pensar diferente é colocar em dúvida a legitimidade de todos nós, eleitos, em todas as esferas”, reprovou. “Vamos seguir — sem tensionamentos — para as eleições livres e transparentes.”

A manifestação de Lira ocorreu pouco depois de Pacheco se posicionar sobre o tema. Também pelas redes sociais, o senador destacou que “a Justiça Eleitoral é eficiente, e as urnas eletrônicas, confiáveis”. “Ainda assim, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) está empenhado em dar toda a transparência ao processo desde agora, inclusive com a participação do Senado”, escreveu.

O parlamentar complementou dizendo que “não têm cabimento” as dúvidas levantadas a respeito das eleições. “As instituições e a sociedade podem ter convicção da normalidade do processo eleitoral.”

Em evento no Planalto, na quarta-feira, Bolsonaro falou em “suspeição” das eleições de 2022, se ocorrer “algo anormal”. Ele também defendeu que as Forças Armadas possam fazer uma contagem paralela dos votos. “Uma das sugestões é que seja feita uma ramificação (dos casos do TSE com as informações das eleições) para que tenhamos um computador do lado das Forças Armadas para que possamos contar os votos no Brasil”, disse.

O chefe do Executivo ainda insistiu haver uma “sala secreta” da Corte onde a apuração é feita sem transparência.

“Crime”

O deputado Professor Israel Batista (PSB-DF) ingressou com uma notícia-crime no Supremo Tribunal Federal (STF) contra as declarações do presidente. “O que ele fez no Planalto foi um anúncio do que pretende fazer em 2022. Crime contra o Estado democrático de direito. O presidente busca interromper,

prejudicar e atrapalhar o andamento do processo eleitoral no Brasil e coloca em risco as eleições”, afirmou. “Bolsonaro é taxativo: não vai ter eleições. Não fui eu quem disse, está gravado. O presidente faz, portanto, uma declaração dolosa de prejudicar as eleições de 2022 no Brasil.”

Na peça, o parlamentar acusa Bolsonaro de peculato por usar recursos da Presidência da República para burlar a democracia. Também aponta improbidade, por lançar mão de verbas para disseminar notícias falsas e fortalecer uma conduta

antidemocrática dos apoiadores.

O deputado ainda comentou sobre a politização das Forças Armadas. “Isso nos preocupa bastante, pois as Forças Armadas devem defender pessoas. A política é feita por homens e mulheres desarmados, para resolver nossas divergências pela lei e pelas eleições”, frisou.

Aliados de Bolsonaro rebatem as críticas e enfatizam que as declarações sobre o processo eleitoral fazem parte do que já vinha sendo defendido pelo presidente desde o início do mandato. “Ele tem uma posição clara quanto a

isso. Acho que foi aquela manifestação do (Luís Roberto) Barroso (ministro do STF) sobre as Forças Armadas que causou essa reação”, disse o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR). “Não tenho expectativa de que a posição do presidente mude. Ele trata desse assunto há muito tempo, há uma preocupação com a questão.”

No último domingo, Barroso falou sobre as tentativas de politização do Exército, da Marinha e da Aeronáutica e da intenção de usar as Forças Armadas para atacar o processo eleitoral.

Erramos

“Suspeição”, e não “suspensão”

Na cerimônia de quarta-feira no Planalto, em que levantou dúvidas, mas uma vez, sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas, o presidente Jair Bolsonaro comentou sobre a “suspeição” das eleições — e não “suspensão”, como publicado na página 4, da edição de ontem do **Correio**. “Não pensem que uma possível suspeição de uma eleição vai ser apenas no voto para presidente, vai entrar para o Senado, a Câmara, se tiver, obviamente, algo de anormal”, afirmou. A declaração ocorreu no “Ato Cívico Pela Liberdade de Expressão”, iniciativa de deputados bolsonaristas que apoiam o perdão concedido pelo presidente ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), condenado à prisão pelo STF.

Barros sustentou não haver crise entre os Poderes. “O ministro Barroso falou o que ele quis contra o governo. O ministro Alexandre de Moraes (do STF), também. Se eles podem falar o que pensam, o presidente pode falar também. Não tem crise nenhuma.”

O deputado Bibo Nunes (PL-RS) disse que não houve repercussão das declarações do presidente entre os parlamentares. “Como falta consistência para atacar Bolsonaro, qualquer ping-pong tentam transformar em tsunami”, criticou.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

CB 61 + 1, quando os fatos mudam

A exposição comemorativa do **Correio Braziliense** sobre os 62 anos de Brasília, no Centro Cultural Banco do Brasil, reúne as capas deste jornal desde a inauguração da nova capital do país, em 1960, quando circulamos pela primeira vez. É um mosaico da trajetória histórica das estruturas do poder central e suas ações, para os quais a cidade foi projetada e construída, graças à audácia de Juscelino Kubitschek e à genialidade de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

CB 61 + 1 mostra um ciclo completo da vida política, econômica e cultural do Brasil, a partir de seus protagonistas no planalto central, que se tornou o polo dinâmico do Centro-Oeste, mas também a evolução e o comportamento de uma sociedade inicialmente formada por peões e funcionários

públicos, que, pouco a pouco, se tornou muito mais complexa, até se transformar na grande metrópole cosmopolita atual e um fator da integração territorial nacional. Duas gerações de candangos, compreendidos como os cidadãos naturais de Brasília, produziram uma espécie de síntese do nosso processo civilizatório, mais ou menos como imaginava o fundador da Universidade de Brasília (UnB), Darcy Ribeiro.

Os fatos políticos ao longo desses 62 anos foram todos devidamente registrados pelo **Correio Braziliense**, que acompanhou os bastidores do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, bem como a reação da sociedade às decisões dos poderosos, ao longo da história. As manchetes e fotografias publicadas nesse período são

flagrantes da História do Brasil, revisitada a cada aniversário da cidade ou fato político relevante do presente, para os quais o fio da história nos permite melhor compreendê-los.

O falecido historiador britânico Tony Judt, que lecionou em Cambridge, Oxford, Berkeley e New York University, inspirou-se em John Maynard Keynes para escrever a coletânea de ensaios *Quando os fatos mudam*, cujo título tomamos emprestado para a coluna. A frase completa é: “Quando os fatos mudam, eu mudo de opinião. E o senhor, o que faz?”

Os textos oriundos de suas intervenções públicas na imprensa foram compilados por sua viúva, a historiadora Jennifer Homans, e publicadas postumamente nessa obra. Embora datadas, as preocupações por ele levantadas se atualizam e permanecem como espécie de fios condutores a auxiliarem a compreensão de um mundo que parece, a cada dia, se desfazer em pedaços. Judt faleceu em 2010, aos 62 anos, como um dos maiores intérpretes do século XX,

com destaque para o monumental pós-guerra. Uma História da Europa desde 1945. Quase todos os assuntos que abordou, de alguma maneira, influenciaram a trajetória do nosso país.

Novo olhar

A exposição do **Correio Braziliense** sobre duas gerações, pelas quais passaram a renúncia de Jânio Quadros, o golpe militar que destituiu João Goulart em 1964, a implantação do regime militar, o chamado milagre econômico, a liquidação da oposição armada, o avanço da oposição democrática, a crise do modelo de capitalismo de Estado, a campanha das Diretas Já, a eleição de Tancredo Neves, a transição à democracia com Sarney, a hiperinflação, o esgotamento do modelo de substituição de importações, a abertura comercial e o impeachment de Collor, o combate à inflação e as privatizações do governo de Fernando Henrique Cardoso, o esgotamento das políticas liberais e a ascensão de Lula, a derrocada de Dilma Rousseff e a

reforma trabalhista de Michel Temer, a eleição de Jair Bolsonaro e a volta dos militares ao poder.

Esse um resumo brevíssimo, mas que lições podemos tirar desses fatos para que os erros não se repitam e o legado positivo desse ciclo histórico sirva de ponte para o futuro? Essa é a reflexão que um olhar atento à exposição das capas de **Correio** pode provocar. As notícias do **Correio**, ao longo desses 62 anos, são revisitadas porque marcam o nosso presente, porém, a interpretação dos fatos ocorridos não deve ser a mesma de quando aconteceram.

Judt nos mostra que, em muitos momentos da história, fatos singulares foram decisivos para mudanças inimaginadas por seus protagonistas. A Segunda Guerra Mundial, por exemplo, representou uma ruptura com toda a ordem mundial anterior, com desdobramentos duradouros. Agora, estamos diante de uma nova ruptura global, cujos desdobramentos são imprevisíveis, tanto quando era a Guerra da Ucrânia quando a antiga União Soviética

foi dissolvida. A ordem econômica global, por exemplo, passa por mudanças que podem resultar em duas institucionalidades econômicas distintas, uma liderada pelos Estados Unidos, outra pela China, com as quais o Brasil objetivamente terá de se relacionar. Somente isso mudará nossa inserção nas cadeias de comércio e na economia mundial.

Nesse período de 62 anos, no plano político, o evento mais marcante foi o ciclo de 20 anos do regime militar, cuja herança ainda está viva na memória daqueles que viveram sob o autoritarismo. Quem imaginaria os desdobramentos da eleição de Jânio Quadros, em 1960, quando Brasília foi inaugurada? Em alguns momentos da atual conjuntura, temos a sensação de que a história se repete. Entretanto, para que isso ocorra, seria preciso que nada houvesse mudado; por exemplo, que Brasília — não somente suas estruturas de poder — não tivesse se transformado numa metrópole complexa, com uma sociedade vibrante e democrática, em sintonia com o futuro.